

A CRIAÇÃO FOLCLÓRICA DO SABÁ: A MULHER COMO AGENTE DO DIABO NA EUROPA CRISTÃ

THE FOLKLORIC CREATION OF THE SABBATH: THE WOMAN AS THE DEVIL'S AGENT IN CHRISTIAN EUROPE

*Cauana Harz de Lima**

Resumo: O presente artigo tem por finalidade traçar laços temporais entre as diversas crenças e expressões culturais que contribuíram para a criação da imagem da bruxa moderna e estereótipo do ritual sabático. Algumas das questões abordadas serão: a demonização das mulheres e de antigas práticas pagãs, os códigos jurídicos que tornaram legítimos os métodos de execução e a presença constante do medo que afetou diretamente esse período da história.

Palavras chave: Sabá; Bruxa; Repressão; Mulheres.

Abstract: The aim of this paper is to draw temporal bonds between several beliefs and cultural expressions that contributed to the creation of the image of the witch and the stereotype of the Sabbatical ritual. Some of the approached questions will be the demonization of the women and of the old pagan practices; the legal codes that legitimized the methods of execution and how the constant fear of the unknown affected directly this age of history.

Keywords: Sabbath; Witch; Repression; Women.

Introdução

Durante os anos que transcorreram a Idade moderna, milhares de pessoas foram torturadas, julgadas e mandadas para a fogueira, com a finalidade de extinguir o suposto mal que rondava as comunidades europeias. Uma onda de medo do desconhecido estava presente no cotidiano moderno, como enfatiza Jean Delumeau (1989), o acúmulo de agressões que a Europa sofreu do século XIV até o século XVII, teve por consequência um abalo psíquico geral da população. Os homens da Igreja projetaram todos seus temores na imagem de satã e seus agentes, assim, via-se a necessidade de exterminar tudo e todos que segundo eles, estavam ligados à essa temida figura. A elite cristã via-se ameaçada por uma sociedade rural que trazia em seus costumes diários antigos ritos pagãos, costumes esses que graças a expansão do pensamento cristão foram taxados como maligno (DELUMEAU, 1989, p. 32-33). Ainda no século VI o bispo Martinho de Braga em uma carta dirigida ao bispo Polémio, intitulada *Da correção dos rústicos*, condenava as práticas pagãs, exaltando a necessidade da cristianização dos povos rurais, cujos costumes voltavam-se para a adoração de falsas deidades. Martinho

* Graduanda em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ca94harz@gmail.com.

afirmava que as antigas deidades romanas enganavam seus fiéis, dessa forma, os “rústicos” adoravam demônios acreditando serem deuses (MARTINHO DE BRAGA, 576). No final da Idade média e início do período moderno os vestígios destes antigos cultos ainda sobreviviam na vida do indivíduo rural, os representantes da Igreja opunham-se a tais práticas, segundo eles, por estarem ligadas ao mal. No centro destes rituais estavam as bruxas, representadas segundo os monges, por mulheres perversas que tinham por objetivo corromper os cristãos e praticar malefícios a comunidade. As supostas bruxas foram submetidas a perseguições e a incontáveis formas de violências, segundo Rocha (2016) após repetidas sessões de torturas, privação de sono e fome, buscando cessar os horrores causados pelos inquisidores, as acusadas confessavam sua participação nos supostos rituais sabáticos. As repressões tiveram como uma de suas principais bases, os escritos de Kramer e Sprenger, intitulado *Malleus Maleficarum*; a Igreja representada pelos inquisidores inicia por volta do século XV uma verdadeira caça às feiticeiras, levando milhares de mulheres às fogueiras em nome do sagrado.

O período final do Medievo que estende-se até a Idade Moderna, teve como pano de fundo a presença constante do medo, medo este causado, pelas guerras e pelas pestes. As crises ocorridas no seio da Igreja Católica marcada pelas diferentes opiniões acerca do sagrado, podem ter criado, como enfatiza Liebel (2003), um grande inimigo retratado na imagem das bruxas, hereges e de satanás, visto, uma forma de aliviar as tensões internas (LIEBEL, 2003, p. 26). No século XIV, as constantes epidemias de peste foram atribuídas a supostos praticantes de malefícios, acusados de envenenar o ar e os poços, dentre estes grupos destacam-se os leprosos e judeus. No ano de 1409, Alexandre V redigiu uma bula direcionada ao inquisidor franciscano Ponce Fougeryon, trazendo em seu conteúdo alegações que ligavam este último grupo a rituais de adivinhação, invocação de demônios, artes mágicas e a tentativa de corromper os fiéis cristãos (GINZBURG, 1991, p. 68-75). As acusações tiveram como consequência um verdadeiro massacre, inúmeros judeus foram submetidos a tortura, segregação e às fogueiras graças as supostas práticas de feitiçaria. Porém, o grupo em questão não foi o único a ser acusado deste tipo de prática, outros grupos que estavam separados geograficamente, mas que segundo os inquisidores possuíam características semelhantes, tais como proximidade com o dualismo cátaro, outras formas de heresias e supostas participações em seitas e orgias sexuais, sofreram o mesmo fim que o grupo em questão. Estes, foram julgados por crime de heresia e feitiçaria. “[...] a confusão crescente entre heresia e feitiçaria faz com que os supostos culpados possam ser indiferentemente perseguidos, segundo os tempos e os lugares, pelos tribunais de igreja ou pelos tribunais leigos.” (DELUMEAU, 1989, p.352-353)

Em 1231 o papa Gregório IX nomeou o primeiro inquisidor alemão para combater uma suposta seita de adoradores de Lúcifer e profanadores de símbolos sagrados, estas acusações de heresias são o primeiro passo para a criação posterior do que viria a ser o Sabá das bruxas (LIEBEL, 2004, p. 24).

Este breve artigo tem por finalidade discutir informações básicas relativas ao estereótipo do ritual sabático perpetuado durante a Idade Moderna. Quais foram os motivos que levaram as mulheres a serem o grupo mais perseguido no ápice da Inquisição, quais os códigos que formaram sua base e o sincretismo que permitiu a mescla das velhas e novas crenças criando assim o estereótipo do Sabá demoníaco.

1 As características do Sabá

Com a chegada da Idade Moderna, a imagem principal do ritual sabático se dá em volta das bruxas e de seu temido senhor, o diabo. Alguns anos antes, entre 1330-1340 encontra-se pela primeira vez a palavra “*Sabá*” em um processo inquisitório, onde os acusados confessam sob tortura adorar a satã, profanar hóstias e renegar a Cristo (DELUMEAU, 1989, p. 352). Esse culto a satã anda lado a lado com as cavalgadas noturnas de Diana, citadas por Ginzburg (1991) em depoimentos datados principalmente do século XIV. Essas crenças estavam presentes a séculos no imaginário coletivo, isso porque o universo do indivíduo medieval e moderno estava rodeado de misticismo: os gnomos, fadas e demônios estavam presentes na vida coletiva. “Eles tentavam conviver com os seres invisíveis, observavam os indícios presságios, evitavam a confrontação direta com espíritos, procuravam ajuda contra alguns cortejando os favores de outros” (KUNZE, 1989).

Séculos antes, Regino de Prum, criador da *Canon episcopi*, inclui o ritual diânico na lista de superstições que deveriam ser erradicadas. O monge afirmava que diversas mulheres deixavam-se iludir por satanás e acreditavam sair à noite cavalgando animais ao lado da deusa pagã Diana, a quem reverenciavam e obedeciam fielmente (GINZBURG, 1991, p. 94).

O *Canon episcopi* não desdenhava das práticas mágicas, justamente o contrário. Ele alertava para o perigo de sedição e de corrupção que elas representavam. Foi com essa disposição que o cânone declarou o caráter ilusório da bruxaria, ou, melhor dizendo, daquilo que seria identificado com a bruxaria posteriormente. Do mesmo modo que a feitiçaria e o malefício, as histórias de mulheres que teriam cavalgado com demônios na calada da noite ameaçariam a integridade da fé cristã porque carregariam elementos estranhos que subverteriam o credo. A feitiçaria, o malefício e tais histórias de cavalgadas noturnas (e de pactos diabólicos, de metamorfoses e de outras coisas extraordinárias) eram maneiras distintas pelas quais os demônios trabalhariam em prol da perdição dos homens (GONÇALVEZ, 2011, p. 2).

De acordo com os depoimentos trazidos por Ginzburg (1991) coletados em diferentes locais da Europa variando do século XIV ao XVII, os vestígios desse ritual estavam presente em uma mescla de antigas e novas crenças. Diversas mulheres acreditavam fazer parte de uma sociedade cuja líder era uma figura feminina, figura essa que possuía variações na forma como era chamada: Diana, Herodiade, “madona” Horizonte, boa senhora, Richella e Rainha dos Elfos. Essas mulheres afirmavam sair durante a noite para participar do jogo de Diana, iam às casas dos ricos onde bebiam e alimentavam-se, obedeciam a figura feminina central que as ensinavam curas com ervas e praticavam adivinhações. Segundo Regino de Prum, esse tipo de afirmação era ilusão, as acusadas recebiam penas brandas que não passavam de alguns dias de penitência, isso só mudará a partir do século XV quando o sabá das bruxas passa a ser visto como uma ameaça real e a pena máxima se torna a queima na fogueira (GINZBURG, 1991, p. 95).

As crenças nas cavalgadas espalharam-se pela Europa, em alguns locais Diana confunde-se com a deusa germânica Holda que possui como coirmã Perchta, a deusa da fertilidade que guiava o exército dos mortos (GINZBURG, 2010, p. 65). Essas superstições remetem a séculos antes, com Épona, a deusa celta protetora dos cavalos, as Matres que traziam consigo símbolos de fertilidade e a noite das mães que era correspondente ao natal cristão, no calendário celta as noites entre 25 de dezembro e 06 de janeiro acreditava-se que os mortos andassem pela terra (GINZBURG, 1991, p. 113).

Depoimentos datados dos séculos XVI e XVII trazem o sabá como ritual praticado às quintas-feiras em locais afastados, nessas ocasiões reuniam-se bruxas, demônios, alguns homens e o diabo. Formavam-se círculos em volta da fogueira, cozinhava-se carne humana e bebia-se excessivamente. As bruxas dançavam e praticavam orgias com seus amantes demônios e era nesse dia que devia-se prestar contas ao diabo da quantidade de malefícios praticados.

Essas histórias assombravam a vida do indivíduo moderno, o medo do diabo e das bruxas, os encontros diabólicos eram assuntos recorrentes nas rodas de conversa.

[...] a reverência ao demônio, a abjuração de cristo e da fé, a profanação da cruz, o unguento mágico, as crianças devoradas [...] tinha sido dado o passo decisivo na direção do sabá, com o desenhar-se da noção de uma ameaçadora seita de feiticeiros e bruxas (GINZBURG, 1991, p. 76-77).

Um mescla de antigas crenças pagãs, que haviam permanecido inconscientemente na memória popular, mistura-se com as crenças trazidas pelo cristianismo.

Geralmente, a manutenção, no universo cristão e até uma época tardia, de ritos, de condutas religiosas e de crenças herdadas do paganismo parece confirmar-se a cada dia a medida que a pesquisa alcança o humilde nível do vivido cotidiano [...] Em pleno século XVII, missionários jesuítas descobrem no sul da Itália camponeses que acreditam que há cem deuses, e outros que há mil [...] Em Buscaye e no Guipuzcoa ,

J. Baroja observou a longa sobrevivência de um laço entre os antigos locais do culto pagão - grutas, fontes, dolmes- e uma duradoura crenças nessas regiões, até uma época recente, 'em uma presidenta das feiticeiras dita Mari, espécie de deus das montanhas [...] e é chamada de a Dama ou a Mestra'. Na Bretanha, no começo do século XVII, o padre Le Nobletz descobriu com espanto pessoas que prestavam um culto à lua e as fontes (DELUMEAU, 1989).

Apesar das antigas crenças politeístas terem sobrevivido ao tempo, a Igreja buscou desde seu início erradicá-las. Assim como Martinho de Braga, Santo Agostinho, bispo de Hipona ainda no início da Idade média, afirmava existir dois reinos que sobreviviam desde a criação do mundo: o reino do bem que pertencia a Deus e era habitado pelos anjos e homens bons e o reino do mal que pertencia ao diabo e que era habitado pelos demônios e os homens maus. Segundo Agostinho esses demônios transmutavam-se na imagem dos deuses pagãos, o bispo sabia que estas crenças eram fortes demais para serem erradicadas da mentalidade coletiva, por isso liga-os ao mal. Segundo Agostinho, as práticas mágicas só eram possíveis com a ajuda desses demônios, por isso era dever de todos os cristãos manterem-se afastados de tais práticas. Mais tarde, a Igreja liga de forma definitiva a imagem dos antigos deuses a seres malignos, o fiel por sua vez deveria acreditar na existência dessas criaturas más, a negação dessa crença era tida como heresia (KUNZE, 1989, p. 190-191).

Com os conflitos internos, as denúncias de heresia multiplicam-se constantemente, com isso as produções literárias acerca das heresias e práticas de bruxaria crescem rapidamente. Desta forma, criam-se características mais sólidas e coesas para os supostos sabás, impulsionando o que viria a ser a futura perseguição às bruxas modernas.

2 Manuais e códigos

Durante este período, foram produzidos inúmeros códigos e tratados buscando enfatizar a ligação entre as mulheres e o maligno, a existência do mal em terras europeias e a necessidade de extingui-lo. Os processos inquisitórios eram baseados em escritos produzidos por pessoas ligadas ao Estado e à Igreja, dentre eles estão: *De planctu ecclesiae* escrito pelo franciscano Alvaro Pelayo por volta de 1330, O *Directorium inquisitorum* escrito pelo inquisidor Nicolau Eymerich em 1376, o *Formicarum* produzido pelo teólogo Jean Nider (1435-1437) e por fim o conhecido *Malleus maleficarum* publicado por volta de 1486 e desenvolvido pelos inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger.

De planctu ecclesiae enfatizava principalmente a mulher como causadora de todos os males, Pelayo invocava a figura de Eva para argumentar que estas, eram responsáveis pela perda masculina (LIEBEL, 2003, p. 20,21). O *Directorium inquisitorum* é um dos mais

importantes manuais inquisitoriais, escrito em 1376, foi revisado em 1578 por Francisco de La Peña, este manual foi utilizado principalmente na Espanha e Portugal, contendo em suas páginas dicas de como seguir um processo e como identificar as formas de heresia e o perfil de seus praticantes, ficou conhecido como o *Manual dos inquisidores* (FERNANDES, 2009, p. 2). O *Formicarus* foi escrito em forma de diálogo, possuía em um de seus livros um espaço dedicado exclusivamente a feitiçaria. Nider baseia-se nos depoimentos de dois inquisidores dominicanos que afirmavam existir seitas na região de Berna, estes, acusam os supostos feiticeiros de praticar canibalismo, violação de sepulturas com a finalidade de produzir unguentos mágicos com os cadáveres, invocação de demônios e profanação elementos cristãos, foi nesse escrito que as acusações passam a ser direcionadas fortemente à mulheres.

No final do século XV o papa Inocêncio VIII escreve uma bula denominada *Summis desiderantes affectibus* (1484), precedendo o *Malleus maleficarum*. Essa obra enfatiza a necessidade da tortura para obter a confissão das acusadas de bruxaria “Foi naquela época que a caça aos hereges transformou-se claramente numa procura de bruxas (KUNZE, 1989, p. 209)”. Seu desenvolvimento se dá no estilo escolástico, dividida em três partes compostas por diálogos. De início seu conteúdo enaltece a existência da bruxaria, com o objetivo de não deixar dúvidas quanto sua veracidade, na segunda parte estavam os feitos das bruxas e na última um código jurídico ensinando como o inquisidor deveria agir e punir as acusadas (KUNZE, 1989, p. 210).” A obra foi inicialmente direcionada aos processos inquisitórios alemães, mas espalha-se devido seu grande sucesso, levando consigo a ideia da existência real de um sabá demoníaco formado por bruxas praticantes de malefícios. Até então, como já dito, predominava às lições contidas na *Canon episcopi*, redigida por Regino de Prum, o cânone afirmava que os cultos noturnos eram mera ilusão criada pelo diabo, dar ouvidos a essas superstições seria deixar-se enganar por ele.

Para o *Malleus maleficarum*, a negação da existência física do ritual das bruxas era heresia, da mesma forma o jurista Jean Bodin acreditava que negar sua existência era negar a existência de Deus e aqueles que acreditavam nisso estavam sendo corrompidos por satanás (KUNZE, 1989, p. 214-215).

Os acusados possuíam poucas chances de defesa, com a mescla cada vez mais forte entre o Estado e Igreja, são articuladas leis mais pesadas cujo objetivo é o extermínio da feitiçaria e a perseguição às bruxas. Com a retomada do direito romano as perseguições se intensificam, isso porque, a partir de então, as acusações sem provas não são mais penalizadas. Nos interrogatórios, as negações acerca das práticas de bruxaria eram vistas como indícios de culpa, por isso, era viável o emprego da tortura para alcançar a confissão. Se a acusada não

confessasse sua participação, era porque, segundo as crenças, estava sendo ajudada pelo diabo, qualquer marca existente no corpo, era tido como prova do pacto diabólico.

Era a acusação quem indicava um advogado para o réu caso solicitado, porém, para estes, não eram liberados autos processuais completos, sobrando-lhes vagas versões (LIMA, 1999, p.18). A busca incessante pela confissão ocorria graças a ideia que só dessa forma os acusados poderiam ser salvos por Deus, dessa forma, pode-se perceber a grande mistura entre Estado e Igreja representado pelas leis que se valiam do sagrado. Cabia ao inquisidor a salvação das almas dos acusados, pois segundo as crenças, Deus não permitiria que um inocente fosse condenado, assim caberia ao juiz praticar a lei estatal, mas acima de tudo a lei divina: “Devem representar não a justiça implacável, que na prática caracterizava a ação do tribunal, mas uma justiça misericordiosa, que se condói da sorte do réu e lamenta ter que puni-lo para sua própria salvação” (LIMA, 1999, p. 18).

Outra característica marcante do *Malleus maleficarum* era seu forte apelo à inferioridade feminina, baseando-se nas visões masculinas vindas da antiguidade, bem como as escrituras bíblicas, este código afirmava que a bruxaria era majoritariamente ligada às mulheres, pintando claramente, a imagem da bruxa, imagem essa, propagada nos meios eclesiásticos e leigos.

3 A mulher como agente de satã: a criação do estereótipo da bruxa

A misoginia retratada nas produções literárias iniciadas a partir do século XII não foi exclusividade da Idade média, estes escritos baseavam-se fortemente em produções antigas, principalmente contidas nas próprias escrituras sagradas judaico-cristãs. O pensamento aristotélico teve grande influência na reafirmação da hierarquia sexual expressas na literatura e no seio na própria sociedade, enquanto o sexo feminino é descrito como inferior, o sexo masculino é tido como superior, atribuindo-lhes características, segundo seus teóricos, baseadas na biologia humana, vistos como naturais. Dentre estas características atribuídas ao “segundo sexo” estão a alta inclinação para o mal, propensão ao pecado e a induzir o homem a pecar, por isso, a mulher devia ser domada, para que esta não fugisse de sua condição de submissão. Thomás de Aquino, importante nome da igreja no século XIII baseando-se no aristotelismo, descreve a mulher como um ser passível, um homem mal desenvolvido. Segundo ele, é o sêmen masculino o portador da vida, “forma”, enquanto o sexo feminino contribui apenas com a “matéria” (TOLDY, 2010, p. 175-176).

Desde a Grécia Clássica observamos a mulher enquanto símbolo maior da carne e da matéria, representando a putrefação e o fim, ao passo que o homem relaciona-se à espiritualidade, sendo considerado o portador de um caráter superior perturbado pela natureza feminina. A mulher é, em sua essência, instintiva, dionisíaca, e o homem, racional, apolíneo (LIEBEL, 2003, p. 8).

Essa dualidade mostra-se enraizada na opinião dominante dos clérigos. Segundo Jean Delumeau (1991), a repressão do desejo sexual em relação a mulher praticada pelos monges gerava um alto grau de agressividade, dessa forma, projetava-se no outro sexo as fraquezas que os primeiros não admitiam existir em si próprio. A mulher é vista como “o chamariz de que satã se serve para atrair o outro sexo ao inferno” (DELUMEAU, 1989, p. 320), são seres menos críveis, criadas apenas para a reprodução e mais propícias ao pecado. Em relação a prática da feitiçaria, Delumeau (1989), expõe a ideia formulada por Jean Bodin, este, acreditava que a mulher estava mais propícia a feitiçaria por ter uma natureza “bestial”, comparando-a a um animal, possuidora de menor intelecto.

As mulheres tiveram como seus principais algozes os homens ligados à Igreja, que, baseando-se em mitos contidos nas escrituras sagradas, evocavam a figura de Eva para reafirmar suas convicções. Eva mostra suas fraquezas e propensão ao pecado quando desobedece às ordens de Deus, sendo culpada, pela expulsão dos primeiros seres humanos do paraíso. Outras passagens bíblicas são utilizadas para dar credibilidade ao pensamento e as produções medievais:

As ambigüidades acerca da figura da mulher no cristianismo originam-se com Paulo, que afirmava possuir o dom da castidade, não compartilhado pela maioria. Para o apóstolo, ‘seria bom ao homem não tocar mulher alguma’ [...] Paulo coloca a mulher subordinada ao marido no casamento, sendo o homem quem comanda o casal [...] (LIEBEL, 2003, p. 11).

Os escritos, sermões e manuais produzidos acerca da inferioridade feminina, afirmavam a inclinação para as práticas sexuais e mágicas, desta forma, liga-se diretamente o sexo feminino com práticas demoníacas.

O medo do diabo aumenta de forma significativa durante o período moderno, sua imagem torna-se fortemente ligadas às tentações humanas e sua aparência física sofre influência oriental transformando-se em um ser mais horripilante. Aos poucos, cria-se a imagem coesa do sabá, demonizando diversos aspectos pagãos, representado pelas bruxas em sua maioria mulheres e pelo diabo, tornando-se assim, este, o principal inimigo da Igreja Católica. São diversos os motivos pelos quais surge esta espécie de bode expiatório, além da crise que ocorria dentro do berço cristão, a sobrevivência de antigos aspectos pagãos existentes no inconsciente coletivo da população, visto que estes identificavam-se como cristãos, contrariava os padres.

A caça variou em sua intensidade conforme a região e o período, tendo como vítimas principalmente os camponeses e grupos isolados de pastores, mineradores e montanheses, que possuíam uma cultura própria, distintiva e isolada das práticas aldeãs e, sobretudo, citadinas. O atraso cultural em relação às elites acarretou uma maior perseguição, principalmente em regiões alheias ao controle do Estado que necessitava dominá-las (LIEBEL, 2003, p. 64).

Outro aspecto importante é que a mulher camponesa transmitia aos seus filhos a educação que havia recebido, educação essa que possuía vestígios das antigas tradições, batendo de frente com os ensinamentos passados pela igreja, pois era função do sacerdote guiar suas ovelhas de acordo com os ensinamentos cristãos. As mulheres pobres, idosas e viúvas são o grupo fortemente atingido pela Inquisição. Isso ocorre graças a ideia que estas seriam mais acessíveis a pactos com o diabo, criando assim o estereótipo propagado até os dias atuais da velha bruxa, demonizada também por sua aparência “feia”, já que acreditava-se que o exterior exprimia o que havia interiormente:

A pobreza, bem como a ‘fragilidade’ a qual as mulheres foram expostas, revelam-se nas confissões, que apresentam um mundo de misérias e fantasias não realizadas, promessas de dinheiro, jóias, pagamento de dívidas, carne. O Diabo aparecia a suas vítimas quando estas se encontravam abaladas [...] (LIEBEL, 2003, p. 55).

Diversos outros escritos modernos enfatizam o sexo feminino como causador de malefícios, seja representado pela velha bruxa, pela mulher que possui antigos conhecimentos sobre ervas e plantas, seja pela jovem bela ligada ao pecado sexual. Estas perseguições, graças aos códigos jurídicos e ao crescimento dos Estados absolutistas, tomaram uma esfera maior, sendo adotado pelas religiões protestantes que seguindo o exemplo do catolicismo aborda a figura da bruxa e do diabo como algo real a ser exterminado.

A caça só começou a cessar por volta do século XVII, no entanto, em alguns locais ocorre antes ou depois da data em questão, variando geograficamente. Uma importante obra que pôs em dúvida a existência massiva das bruxas foi *Cautio Criminalis* desenvolvido pelo jesuíta Frederico de Spee, ele expôs críticas relativas ao emprego da tortura durante os interrogatórios, questionando desta forma, as verdades até então disseminadas pelo Estado e pela Igreja.

Considerações finais

Baseando-se em escritos e crenças herdadas da antiguidade, juntamente com a misoginia presente nestas sociedades; as produções intelectuais bem como os acontecimentos que levaram a criação do estereótipo do *sabá* e das bruxas, tiveram como consequência uma

incessante perseguição às mulheres. O *Malleus Maleficarum*, mais importante produção do período inquisitório, reafirmou a existência de antigas superstições, dessa forma, antigos costumes existentes no inconsciente coletivo foram ferozmente demonizados. O medo do desconhecido e a tentativa de imposição de uma fé única, gera um incessante ciclo de acusações e julgamentos que marcam a sangue esse período da História. Com a chegada da Idade moderna, a Igreja e o Estado passam a andar lado a lado buscando o extermínio da bruxaria, utilizando-se de códigos que reafirmaram a pena capital para as supostas praticantes de malefícios.

A caça às bruxas, além de ter sido uma questão de reafirmação de uma hierarquia sexual, foi também uma forma de dominação social, buscando a dominação das classes inferiores e outros tipos de minorias. A figura da bruxa e do *sabá*, foram construídos em cima de superstições existentes no seio daquela sociedade, os vôos noturnos representados pelas supostas bruxas que voavam em bastões com seus cabelos esvoaçantes, representavam, acima de tudo a liberdade sexual feminina, que naquela sociedade devia ser reprimida. Com isso, pode-se concluir que o *sabá* criado a partir de uma mescla de crenças e expressões culturais, conscientemente ou não, serviu como base para a manutenção da hierarquia social existente na sociedade europeia cristã moderna. Os medos, bem como os demais problemas existentes em suas estruturas, produziram uma reação em cadeia levando milhares de pessoas a morte, em nome do sagrado e da ordem pública.

Referências bibliográficas

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente: 1300-1800 - uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras.

FERNANDES, Alécio Nunes. Sociedade corporativa, justiça e poder: o Directorium Inquisitorium (séc. XIV - XVI). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: Anpuh, 2009, p. 1 - 9.

FELDMAN, Sergio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. **Revista de História e Estudos Culturais**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.1-14, maio. 2007.

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 209 p.

GONÇALVES, Bruno Galeano de Oliveira. O mal da bruxaria. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1 - 17.

KUNZE, Michael. **A caminho da fogueira**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher**: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LIMA, Lana Lage da Gama. O Tribunal do Santo Ofício da inquisição: o suspeito é o culpado. **Revista de Sociologia e Política**, Rio de Janeiro, n. 13, p.17-21, nov. 1999.

MARTINHO DE BRAGA. **Da correção dos rústicos**. Pontificia Universidad Católica Argentina. CABA, Argentina 1998-1999.

NOGUEIRA, C. R. F. **Bruxaria e história**: as práticas mágicas no Ocidente Cristão. Baurú: EDUSC, 2004.

ROCHA, Laila Lilargem; BELARMINDO, Larissa; PESSANHA, Luciane. Bruxa: uma construção histórica da mulher que conhece o próprio corpo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, 4, 2016, Vitória. **Anais**. Vitória: 2016, p. 1-15.

TOLDY, Teresa Martinho. A violência e o poder da(s) palavra(s): a religião cristã e as mulheres. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, p.171-183, jun. 2010.

Recebido: 30/09/2017

Aceito: 23/12/2017